

O infantil é habitar poeticamente o mundo¹

Lujan luale

Tradução de Leonardo Coutinho Rodrigues

Revisão de Maria Claudia Formigoni

Resumo

O infantil, contrariamente a tudo o que se pode pensar, é coisa séria. Sua configuração em tempos constitutivos portará as marcas sobre as quais se sustentará o enlaçamento. Freud enlaçou já muito cedo o inconsciente ao infantil e isso o levou a tentar constatar, uma e outra vez, como o infantil se apresentava nas modalidades próprias da satisfação. Porque para o *falasser* a satisfação será sempre perversa e polimorfa, na medida em que depende da parcialidade da pulsão. O infantil remete, além disso, à relação com o corpo, esse corpo afetado por lalíngua. As lalações, as palavras, as canções que ressoaram, a poética que habita a infância e configuram o infantil são alguns dos vieses que iremos abordar. Tomaremos o “brincar” como esse gesto político e constituinte do infantil.

Palavras-chave:

Inconsciente; Infantil; Brincadeira.

The infantile is to poetically inhabit the world

Abstract

The infantile, contrary to anything one might think, is a serious matter. Its configuration at constitutive times will bear de marks on which the knot will be held. Very early Freud related the unconscious to the infantile and this has led him to confirm again and again how the infantile presented itself in the modalities of satisfaction. The reason is the satisfaction for the parletre will always be perverse and polymorphous due to its dependence on the partiality of the drive. The infantile also refers to the relationship with the body, a body affected by lalanguae. The mumbling, the words, the songs that resonated, the poetics that inhabit childhood and configures the infantile are some of the biases that

¹ Parte deste trabalho foi apresentada como conferência no Colégio de Psicólogos de Buenos Aires, distrito XV, em 12 de dezembro de 2022. Parte também foi publicado na revista *Fort-Da*.

we are going to explore. We will take “playing” as that political and instituting gesture of the infantile.

Keywords:

Unconscious; Infantile; Play.

Lo infantil es habitar poéticamente el mundo

Resumen

Lo infantil, contrariamente a todo lo que se pueda pensar, es cosa seria. Su configuración en tiempos constitutivos portará las marcas sobre las cuales se sostendrá el anudamiento. Freud enlazó tempranamente lo inconsciente a lo infantil y esto lo llevó a intentar constatar una y otra vez, como lo infantil se presentaba en las modalidades propias de la satisfacción. Porque para el serhablante la satisfacción será siempre perversa polimorfa en la medida en que depende de la parcialidad de la pulsión. Lo infantil remite además a la relación con el cuerpo, ese cuerpo afectado por lalengua. Los laleos, las palabras, las canciones que resonaron, la poética que habita la infancia y configura lo infantil, son algunos de los sesgos que vamos a recorrer. Tomaremos el “jugar” como ese gesto político e instituyente de lo infantil.

Palabras clave:

Inconsciente; Infantil; Juego.

L’infantile c’est d’habiter poétiquement le monde

Résumé

L’infantile, contrairement à tout ce que l’on pourrait penser, est une chose sérieuse. Sa configuration aux instants constitutifs portera les marques sur lesquelles le nœud sera tenu. Freud a très tôt lié l’inconscient à l’infantile, ce qui l’a amené à essayer de vérifier encore et encore comment l’infantile se présentait dans les modalités de satisfaction. Car pour le parlêtre, la satisfaction sera toujours perverse et polymorphe dans la mesure où elle dépend de la partialité de la pulsion. L’infantile renvoie aussi au rapport au corps, ce corps affecté par lalangue. Les bafouillages, les paroles, les chansons qui résonnaient, les poétiques qui habitent l’enfance et configurent ce qui est de l’infantile, sont quelques-uns des biais que nous allons explorer. Nous considérerons « jouer » comme ce geste politique et instituant de l’enfance.

Mots-clés :

Inconscient ; Infantile ; Jeu.

Saber de antemão que irá brincar, tranquiliza
Graciela Montes (2017), *La frontera indómita*

Introdução

Partiremos de uma afirmação: para a psicanálise, a infância não se confunde com o infantil. Como primeiro contraponto, poderíamos dizer que a infância configura o tempo dos primeiros anos de vida, esses de maior dependência em relação ao outro dos primeiros cuidados. É o tempo da constituição do aparelho psíquico, da apropriação do corpo e da configuração do laço com o Outro. Mas é também o tempo do advento do infantil, esse núcleo estrutural e estruturante que funcionará como suporte ao *fallenser*, na medida em que as particularidades do infantil subscreverão os modos como se apresentará o padecimento subjetivo — no qual se enlaçarão satisfação e sofrimento —, assim como o germen que habitará o coração da fantasia, janela através da qual o sujeito verá o mundo.

As consequências que se podem extrair do infantil são múltiplas e diversas. Aqui, interessa-me tomar um viés específico: aquele que enlaça linguagem, corpo, brincadeira e poesia.

Em uma carta dedicada à sua mãe, Hölderlin — o poeta dos poetas como o chamou Heidegger — disse a ela que a poesia se mostra na forma modesta da brincadeira (Heidegger, 1936/1992). Homologa a poesia ao sonho e, a princípio, considera que poetizar é algo totalmente inofensivo. Entretanto, à medida em que nos aproximamos ao modo como Hölderlin vive a relação com a linguagem, nos encontramos com a afirmação de que a linguagem é um dom dado pelos deuses e que é, também, o mais perigoso dos bens (Heidegger, 1936/1992). É um perigo porque só a partir da linguagem surge a ameaça do ser pelo ente. Falamos, e esse falar constrói o nosso mundo. Para Hölderlin, a poesia é a instauração do ser com a palavras (Heidegger, 1936/1992) e por isso há, no ato poético, acontecimento. Então, habitamos poeticamente o mundo, e o reino de ação da poesia é a linguagem. Mas, como afirma Heidegger (1932/1992), a poesia não toma a linguagem como um material já existente, mas sim a poesia em si faz possível a linguagem.

Hölderlin propõe, então, a poesia como potência. Trata-se de uma potência de agir, que nos levará a fazer uma articulação entre o infantil, o brincar e a função poética.

O inconsciente é o infantil

Falar do infantil implica fazer um retorno a Freud, já que é ali onde vamos encontrar os rastros que nos servirão de bússola. Uma definição contundente, encontramos no caso clínico *O homem dos ratos*. Ali, Freud (1909/2013, p. 37) afirma que “(...) o inconsciente é o infantil”. Previamente, em textos tais como “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2017) ou “O chiste e sua relação com o inconscien-

te” (Freud, 1905/1917), Freud assinalou, por um lado, que o infantil é a fonte dos sonhos, na medida em que o desejo provém do infantil, e, por outro, que é a fonte daquilo inconsciente. Daí que o infantil se configure em tempos de infância, mas não se reduza à infância. O infantil nos acompanha, nos constitui, faz-se o coração mesmo de nosso modo de habitar o mundo. Anos mais tarde, na “13ª conferência”, Freud (1916/2014, p. 284) afirma que “o inconsciente da vida psíquica é o infantil”.

Há no brincar um gesto político e ético que não deve ser omitido. Para Freud, sonhar, brincar e valer-se do humor eram modos de fazer com os infortúnios da vida. Freud toma isso do poeta Novalis, quem afirma que o sonhar vai no sentido contrário da monotonia da vida e finca suas raízes no brincar. O próprio chiste nasce do brincar com a língua materna. O disparate, próprio do dizer infantil, caracteriza-se por colocar em cena o sem-sentido e, por isso, Freud (1905/2017, p. 242) designa a brincadeira como “a infância da razão”. A beleza com a qual Freud expressa o nexo estreito entre o inconsciente, a brincadeira e o infantil não deixa de surpreender. Diz:

O infantil é, com efeito, a fonte do inconsciente; os processos inconscientes do pensamento não são senão aqueles produzidos única e simplesmente na infância. O pensamento que mergulha no inconsciente com vistas à formação do chiste está apenas procurando pelo velho lar de seu jogo primitivo com as palavras. (Freud, 1905/2017, p. 242)

O aparato do brincar enlaça, precocemente, corpo e inconsciente. E, mais ainda, sua função é crucial na medida em que dará lugar à fantasia. Freud afirma que não se renuncia ao prazer de brincar, mas sim que só se o troca pelo fantasiar. Em “O poeta e o fantasiar” (Freud, 1908/2015), ele se pergunta se não deveríamos buscar na criança os primeiros indícios da atividade poética (Freud, 1908/2015, p. 54), já que a criança, no brincar, comporta-se como o poeta: cria um mundo próprio onde introduz as coisas que lhe agradam. Freud adverte que a criança leva muito a sério sua brincadeira e que emprega nela grandes montantes de afeto. Destaca que “o oposto da brincadeira não é a seriedade, mas a realidade [*Wirklichkeit*]” (Freud, 1908/2015, p. 54). Então, ele vai de interrogar a brincadeira na criança a dizer, finalmente, que a poesia encontra suas raízes no brincar infantil, posto que “o poeta faz algo semelhante à criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia que leva muito a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade” (Freud, 1908/2015, p. 54).

Nesse mesmo texto, Freud deriva também o humor dessa capacidade de brincar. Sabemos o valor conferido a esse recurso. Freud eleva o humor ao estatuto de uma resposta digna, na medida em que nos permite fazer com os infortúnios da vida.

A cena lúdica se apoia em figuras da realidade. Pequenos objetos, por meio do “vamos fingir que”, do “vamos fazer de conta que”, se transformam em “outra coisa”, dado que as permutações são possíveis pela incidência do simbólico. A criança, peirciana por estrutura, sabe que não há uma correspondência direta entre o objeto e o nome, sabe-o mais do que o adulto. Por isso, uma colher pode ser uma bomba de tomar chimarrão, uma pedra qualquer, uma pedra preciosa, uma bola, uma bomba. Mas a cena lúdica nem sempre se sustenta. De fato, encontra seu limite na irrupção de um real que concerne à própria estrutura. Quando suas bordas se embaralham, a criança vê a necessidade de perguntar “é verdade ou é brincadeira?”, porque, se não é “brincadeira”, provavelmente, a angústia invadirá e a fragmentação da cena ficará exposta. O fora da brincadeira da angústia põe em evidência o real que o entramado simbólico-imaginário da brincadeira vela. A angústia como signo do real, como afeto que não engana, introduz o fator traumático, que, em termos freudianos, ficará cernido pelo fator econômico.

O infantil como condição

Giorgio Agamben (2008), em *Infância e história*, traça uma série de relações entre a infância e a linguagem. Mantém uma dupla frente aberta entre aquilo que acontece com cada infante e uma leitura da infância inerente à história e à condição humana. Interessa-me destacar um ponto crucial da elaboração de Agamben: ele situa, a partir da infância, uma cisão entre língua e discurso. Passagem da mudez da infância à assunção da palavra. Dita assunção está escandida precisamente pela passagem pela infância, levando em conta que não se é falante desde o início. De igual modo, na história da humanidade, Agamben interroga essa infância do homem, pergunta se existe como fato humano e qual é o seu lugar. Temos um viés de leitura da infância, então, como escansão e descontinuidade que vai do caráter a-histórico da língua à composição histórica do discurso.

Trata-se daquilo de que não se fala como signo da infância, ao qual Lyotard (1997) acrescenta um caráter de estrangeiridade também no que diz respeito à escrita: isso que não se deixará escrever e que retorna enquanto nos habita. Ele se vale de uma série de escritos para dar conta daquilo a que chama “nomes de elisão” (Lyotard, 1997, p. 13). Esses nomes variam, segundo o autor, e são, por assim dizer, marcas de autor e é “a coisa da qual padecem estes escritos” (Lyotard, 1997, p. 13). Diz: “Kafka a chama de indubitável, Sartre de inarticulável e Joyce de inapropriável. Para Freud é o infantil, para Valery, a desordem, para Arendt, o nascimento” (Lyotard, 1997, p. 13). Lyotard a batiza de *infantia*, como o que não se fala, mas que, ainda assim, povoa o discurso. Discurso que não cessa de distanciá-la e se obstina, diz, em constituí-la como perdida. Entretanto, para Lyotard, a infância nos habita. Em nosso próprio campo, a psicanálise, afirmaremos que o infantil nos habita, mesmo quando já não estamos nos tempos da infância.

Para escrever, inclusive, é necessário habitar, em alguns momentos, o terreno do infantil, da lalação e das brincadeiras. Tempo de vulnerabilidade e de grandes conquistas, de olhar aberto ao assombro, de orelhas ávidas e pernas inquietas. Tempo em que a subjetividade advém com e pelo encontro de corpos. Encontro do *infans* com a voz e o olhar do outro dos primeiros cuidados. Não há, por acaso, poesia nesse momento em que o corpo se enlaça ao nome próprio, esse momento em que algo que ainda não era se transforma em alguém? Cena que se eleva a uma segunda potência quando a criança se marca afirmando-se; algo parecido e ao mesmo tempo bem diferente do modo que o outro a nomeou. Ali há criação, o fulgor do instante em que o antes e o depois já não serão um contínuo, ainda que dessa passagem, desse “entre inaugural”, não nos restem lembranças. Mas “sem lembranças” não é sinônimo de estar isento de memória, memória no corpo que nos múltiplos relatos da análise podem ser terreno de sucessivas escritas.

Aquilo que se gestou muito cedo entre o grito, a lalação e a disposição à metáfora darão ao infantil o seu viés. Cavidade da voz, geometria do olhar, que articulam, no laço com o outro dos primeiros cuidados, os circuitos da pulsão.

Há poesia no dizer das crianças, quando a fala já permite fazer alguns jogos próprios. Recorto uma pequena anedota: certo dia, eu estava no carro dirigindo, meu filho era muito pequeno — algo entre 4 ou 5 anos —, e passamos por umas paredes que estavam cheias de grafites. Ele disse: “veja, mamãe, as tatuagens das paredes”. Outro menino designou um sutiã como uma “calcinha de tetas”; uma menina assinalou que “as bananas eram boas porque tinham muito *topázio*”; ou que o lugar onde estão os policiais é a “*policeria*”. A conjugação dos verbos também mostra os jogos com lalíngua, jogos que seguem uma lógica implacável: “*eu sabo*” e “*escrevido*” são alguns exemplos disso.

A posição do analista: uma política do infantil

Na lição de 10 de maio de 1967, Lacan (1966-1967/2008, p. 350) não hesita em afirmar que “o inconsciente é a política”. Propõe, desse modo, como o fez desde o início de seu ensino, considerar a descoberta freudiana nossa bússola. Assim, estaremos advertidos de não cair nos infortúnios de tentar reeducar emocionalmente e nem no *furor curandis*. Em tempos constitutivos, voltar a situar o inconsciente no centro da cena constitui uma aposta. Atualmente, a época empurra à rápida classificação diagnóstica, confundindo a importância da detecção dos obstáculos ou tropeços na constituição subjetiva com diagnósticos que coagulam o ser.

Se o inconsciente é a política, o infantil constitui o coração do problema. Que o infantil advenha será uma orientação quando os tempos do sujeito se encontram suspensos, de modo que possa ser lido nas coordenadas do sintoma do casal parental quando se constituiu, que se reconstrua na clínica com adultos para poder

isolar as marcas que o determinaram. A psicanálise não é, por isso, uma terapia histórica, não volta ao passado sob a forma de regressões místicas e nem esotéricas. Pelo contrário, é pelo fato de o infantil se atualizar no padecimento atual que ele não pode ser omitido. O sintoma como tal porta seus traços, traços a serem lidos para que outra escrita possa advir.

Na clínica nos prestamos ao jogo dos semblantes para que outra ficção possa advir, uma menos sofrida, na qual a pulsão possa ser habitada de outro modo.

Trata-se, então, de habitar esse território que Graciela Montes — escritora argentina — chama de fronteira indômita, esse espaço intermediário, transicional, que nos permite brincar no bosque enquanto seu lobo não vem. Se, por diversas razões, nos encontramos muito cedo com certos perigos e monstros, o brincar é um modo de poder constituir um véu ao real.

Habitamos poeticamente o mundo porque somos feitos de signos, de palavras, de múrmuros, de canções. Habitamos poeticamente o mundo porque somos feitos de *lalíngua*.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (2008). *Infância e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 9). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud. *Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2017). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 7). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Heidegger, M. (1992). Hölderlin o la esencia de la poesía. In M. Heidegger. *Arte y poesía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1936)
- Lytard, J. (1997). *Lecturas de infancia: Joyce-Kafka-Arendt-Sartre-Valery-Freud*. Buenos Aires: Eudeba.

Lacan, J. (1966-1967/2008). *A lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Montes, G. (2017). *La frontera indómita: en torno a la construcción y defensa del espacio poético*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Recebido: 01/07/2022

Aprovado: 15/07/2022